



O sonho do tigre

COLLEEN HOUCK

2 milhões de livros vendidos



Alegria e tristeza

Khalil Gibran

A alegria é a tristeza sem máscara.
E o mesmo poço do qual se ergue o riso
muitas vezes esteve cheio de lágrimas.

E de que outra forma seria?

Quanto mais fundo essa tristeza escavar seu ser,
mais alegria você poderá conter.

Não é a caneca que encerra o vinho
a mesma que foi queimada no forno do oleiro?

E não é o alaúde que acalma seu espírito
a mesma madeira que foi esculpida a faca?

Quando estiver alegre,
olhe bem no fundo de seu coração
e descobrirá que é somente aquilo
que lhe deu a dor que lhe dá a alegria.

Quando estiver triste,
torne a examinar seu coração
e verá que agora
você chora pelo que já foi seu deleite.

Alguns dizem: “A alegria é maior que a dor”,
enquanto outros dizem: “Não, a dor é maior.”
Mas eu lhes digo que elas são inseparáveis.

Juntas, elas se acercam,
e quando uma se sentar a sós com você à mesa,
lembre-se de que a outra está dormindo debaixo de sua cama.

Em verdade, como pratos de uma balança, você pende entre a
[tristeza e a alegria.

Somente quando se encontra vazio
você fica imóvel e equilibrado.

Quando o guardião do tesouro o ergue para pesar o ouro e a prata,
sua alegria ou sua tristeza deve subir ou descer.

(Do livro *O profeta*)

PRÓLOGO



Brasas

Seu coração selvagem disparou, palpitando de maneira caótica, igualzinho ao riacho junto do qual ela parou. Seus membros finos tremiam e, quando o luar revelou sua figura, pude ver o pulso latejando e os olhos correndo de um lado para outro, alertas ao perigo. Eu a observava das sombras entre as árvores – um espectro negro empenhado em sua morte. Depois de erguer o nariz no ar uma última vez, ela baixou a cabeça com nervosismo para beber.

Saltando de meu esconderijo, atravessei grama e matagal, devorando a distância como uma estrela cadente. Minhas garras raspavam uma raiz nodosa que se projetava do chão como o braço de um esqueleto despertando e ela ouviu o ruído.

Partindo em disparada, a corça lançou-se para a esquerda. Saltei sobre ela, mas meus dentes pegaram apenas os fios grossos de sua pelagem de inverno. Ela deixou escapar um grito de pavor. Enquanto ia atrás dela, meu sangue corria e eu me senti mais vivo do que me sentia havia meses.

Saltei novamente e dessa vez envolvi com as garras seu torso arquejante em um abraço mortal. Ela se debateu sob mim, resistindo o melhor que pôde enquanto eu mordida seu pescoço. Cravando os dentes nele, preendi sua traqueia. Esmagá-la a sufocaria, e eu acreditava que essa era uma maneira mais gentil e humana de abater um animal, mas, de repente, tive a sensação de que era eu que estava lentamente me asfixiando.

A euforia que senti ao caçar se esvaiu e me vi mais uma vez com o vazio que constantemente ameaçava me consumir. Ele sufocava e estrangulava, me matando sem pressa, da mesma maneira que eu estava tirando a vida daquela criatura.

Abri as mandíbulas e ergui a cabeça. Percebendo a mudança, a corça lançou-se para dentro do riacho, me derrubando de suas costas. Enquanto ela

desaparecia em meio à vegetação, a água fria corria sobre minha pelagem densa, e por um momento desejei poder apenas aspirá-la e me libertar. Me libertar de minhas lembranças. De minha decepção. De meus sonhos.

Se ao menos eu acreditasse que a morte seria tão generosa...

Aos poucos, saí do riacho. Minhas patas estavam tão enlameadas quanto meus pensamentos. Desalentado, sacudi a água do pelo e estava inutilmente tentando me livrar da lama em minhas garras quando ouvi a risada de uma mulher.

Erguendo a cabeça bruscamente, vi Anamika agachada no galho de uma árvore, o arco dourado atravessado em seu ombro e uma aljava com flechas presa às costas.

– Essa foi a caçada mais patética que já vi – zombou.

Rosnei baixinho, mas Anamika ignorou a advertência e continuou com seus comentários:

– Você escolheu a criatura mais fraca da floresta e ainda assim não conseguiu abatê-la. Que espécie de tigre é você?

Ela desceu com agilidade do galho robusto. Anamika usava o vestido verde e, ao vir em minha direção, fui momentaneamente distraído por suas pernas longas e torneadas, mas então ela abriu a boca mais uma vez.

A jovem deusa pôs as mãos nos quadris e disse:

– Se está com fome, posso abater sua comida, visto que você é fraco demais para fazer isso sozinho.

Lançando um sopro sarcástico pelas narinas, dei as costas a ela e parti na direção contrária, mas Anamika logo me alcançou, igualando minha velocidade mesmo eu tendo disparado em meio às árvores. Quando percebi que não tinha como me livrar dela, parei e me transformei.

Como homem, girei, voltando-me para ela, e gritei, aborrecido:

– Por que você insiste em ser a minha sombra, Anamika? Já não basta eu estar preso aqui com você dia após dia?

Ela estreitou os olhos.

– Eu estou tão presa aqui com você quanto você está preso aqui comigo. A diferença é que eu não desperdiço a minha vida querendo uma coisa que nunca vou ter!

– Você não sabe nada do que eu quero!

Ela ergueu uma sobrancelha diante dessas palavras e eu soube o que ela estava pensando. Na verdade, ela sabia tudo que eu queria. Ser o tigre de Durga significava que nós dois tínhamos um elo, uma conexão mental que

nos ligava todas as vezes que assumíamos as formas de Durga e Damon. Tentávamos dar espaço um ao outro, erguendo uma espécie de barreira mental, mas ambos sabíamos muito mais sobre o outro do que estávamos dispostos a reconhecer.

Um exemplo disso era que eu percebia que ela sentia muitíssima falta do irmão. Ela também odiava assumir o papel de Durga. O poder não lhe interessava, o que, justamente, a tornava a escolha perfeita para governar como deusa. Ela nunca abusaria das armas ou usaria o Amuleto de Damon para propósitos egoístas. Isso era algo que eu admirava nela, embora jamais fosse admitir.

Havia outras coisas que eu me dava conta de que tinha aprendido a respeitar nos últimos seis meses. Anamika era justa e sábia ao resolver disputas, sempre pensava nos outros antes de pensar em si mesma e manejava armas melhor do que a maioria dos homens que eu conhecia. Ela merecia uma companhia que a apoiasse e a ajudasse a tornar seu fardo mais leve. Essa deveria ser minha função, mas, em vez disso, eu estava sempre chafurdando na autopiedade. Estava prestes a pedir desculpas quando ela começou a me provocar de novo:

– Acredite ou não, eu não estou seguindo você para infernizar sua vida. Estou simplesmente garantindo que não se machuque. Você vive distraído, o que significa que coloca seu bem-estar em risco.

– *Me machucar? Me machucar?* Eu não me *machuco*, Anamika!

– *Machucado* é como você vem vivendo os últimos seis meses, Damon – disse ela em um tom mais calmo. – Tenho tentado ser paciente, mas você continua a mostrar essa... essa fraqueza.

Furioso, aproximei-me dela e espetei o dedo no ar, diante de seu nariz, ignorando de maneira eficaz as sardas quase imperceptíveis porém tentadoras que o cobriam e os olhos verdes de cílios longos nos quais um homem podia se perder.

– Vamos esclarecer algumas coisas, Ana. Primeiro, como eu me sinto é problema *meu*. E segundo... – Fiz uma pausa e a ouvi arquejar. Preocupado com a possibilidade de a estar assustando, dei um passo para trás e parei de gritar. – Segundo: em público, sou Damon, mas quando estivermos sozinhos, *por favor*, me chame de Kishan.

Dando as costas a ela, levei a mão ao tronco de uma árvore próxima e deixei a chama furiosa que ela sempre provocava em mim se extinguir até se tornar brasas fumegantes. Concentrando-me em desacelerar a respiração,

não notei que ela havia se aproximado até que senti sua mão em meu braço. O toque de Anamika sempre provocava um formigamento quente que se espalhava pela minha pele, o que era parte de nossa conexão cósmica.

– Eu sinto muito... Kishan – disse ela. – Não era minha intenção deixar você furioso ou trazer à tona suas emoções voláteis.

Dessa vez seus comentários irritantes não me aborreceram. Em vez disso, ri secamente.

– Vou tentar me lembrar de manter minhas “emoções voláteis” sob controle. Nesse meio-tempo, se você parar de perturbar o tigre, ele não vai mostrar os dentes tão rápido.

Ela me observou em silêncio por um momento, então passou por mim, empertigada, seguindo na direção de nossa casa. O som abafado de seus resmungos desapareceu enquanto ela caminhava entre as árvores, mas ainda escutei a frase: “Eu *não* tenho medo dos dentes dele.”

Senti uma culpa passageira por deixá-la voltar para casa sozinha, mas tinha percebido que ela estava usando o Amuleto de Damon e sabia que não havia nada nesta Terra que pudesse machucá-la. Quando ela se foi, me espreguicei e me perguntei se devia voltar para a casa que partilhávamos – sendo “partilhar” um termo relativo – ou se devia passar a noite na floresta. Tinha acabado de decidir procurar um belo trecho de grama onde dormir quando meu corpo se imobilizou, pressentindo a presença de outra pessoa. *Quem estaria aqui? Um caçador? Anamika teria retornado?*

Devagar, dei meia-volta, sem fazer qualquer barulho, e, quando já havia me virado completamente, dei um pulo para trás, meu coração disparando com o choque.

À minha frente encontrava-se um homenzinho, aparentemente surgido do nada, *o que provavelmente era verdade*. O luar reluzia em sua careca e, quando ele se moveu, as sandálias esmagaram ruidosamente a grama. Não tínhamos visto o monge desde aquele fatídico dia em que eu cedera minha noiva, a garota que eu amava mais do que a vida, a meu irmão. O dia em que assisti a meus sonhos, minhas esperanças e meu futuro saltarem por um vórtice de chamas e desaparecerem, extinguindo-se como uma lamparina cujo óleo se acabara.

Desde então eu me sentia devastado.

– Phet – falei simplesmente –, o que traz *você* à minha versão do inferno? O homem segurou meu ombro e me fitou com olhos castanhos e lúcidos.

– Kishan – disse ele com gravidade –, Kelsey precisa de você.



Phet se revela

Meus músculos se retesaram e parei de respirar.

Kelsey.

Visualizei o rosto dela. As últimas palavras que trocamos.

Eu fui um perfeito idiota.

Seis meses antes, Phet dissera que Durga precisava de um tigre e que um de nós deveria fazer a escolha e ficar. Quando Ren e eu nos afastamos para falar a respeito, meu irmão se recusou totalmente a sequer considerar ficar para trás. Ele me disse que iria aonde Kelsey fosse. Não havia qualquer opção para ele, declarou, teimoso.

Na ocasião, Phet falara conosco com calma, explicando que Sunil, o irmão de Anamika, voltaria ao futuro com Kelsey e deixaria a irmã para trás. Eu olhara para Anamika e a vira agarrando o braço do irmão recém-resgatado. Ela ainda não sabia que o irmão partiria. Eu sabia, através de minha conexão com a deusa, que a partida dele seria um golpe terrível.

“Durga *precisa* cumprir seu propósito”, enfatizou Phet. “Gerações serão influenciadas por ela. Sem uma companhia, ela ficará só e o mundo, como o conhecemos, mudará completamente. Um tigre está destinado a abraçar essa vida. Vocês precisam escolher.”

Por mais recente que fosse nosso elo na ocasião, eu estava ciente de que Anamika odiava a ideia de assumir o papel de deusa, fosse esse seu destino ou não. Havia grande chance de que, sem ter alguém a seu lado, ela voltasse para a Índia e desistisse da vida de deusa.

Esfregando as mãos no rosto, sugeri:

“Por que o irmão não pode ficar com ela?”

“O irmão é uma parte da vida humana de Anamika. Ela precisa assumir o papel de imortal, cuidar de seus deveres e deixar os pensamentos ligados ao

passado para trás. Confie em mim quando digo que será melhor para ambos seguirem caminhos separados.”

Phet sabia mais do que estava falando. Isso era sempre verdade. Portanto, quando ele disse que Sunil precisava deixar a irmã, não questionei mais.

Ren pareceu chegar à mesma conclusão, porque assentiu e respondeu:

“Então eu ficarei e servirei, mas somente se Kelsey permanecer também.”

Phet sacudiu a cabeça de maneira enfática.

“O caminho de Quel-si está no futuro.”

O velho monge foi consolar Kelsey e me deixou sozinho com meu irmão.

“Ela é *minha* noiva”, comecei.

“Eu a amei primeiro, Kishan.”

“Sim, mas você a deixou.”

“Foi um erro. Que não pretendo repetir.”

Prosseguimos nessa discussão por alguns minutos, tentando convencer o outro a ficar, mas nenhum dos dois arredou pé. Phet retornou e nos informou que precisávamos dar uma resposta sem demora e, enquanto falava, me lançou um olhar. Um olhar que sugeria que *eu* deveria pôr fim naquilo.

O que isso significava? Ele estava tentando me dizer que deveria ser eu a ceder? A desistir da garota que eu amava? Ou talvez ele quisesse dizer que era eu que entendia o chamado de Durga, que tinha a conexão. Eu me remexi, desconfortável.

Desesperado, sussurrei para Ren:

“Você sabe o que vi, o que minha visão no Bosque dos Sonhos me revelou.”

Ren assentiu, relutante.

Eu insisti:

“Se eu ficar para trás, então o filho de Kelsey nunca...” Olhei ao redor para ver se alguém estava ouvindo. Ninguém. Parecia que estavam nos dando um momento de privacidade. “Nunca nascerá”, concluí em um sussurro.

“Você não sabe disso”, afirmou Ren, teimoso.

“Ele tinha meus olhos, Ren. Meus!”

Ren desviou o olhar, como se lhe doesse ver a prova da existência do futuro filho de Kelsey ao me encarar. Então disse baixinho:

“Você tem uma dívida comigo, irmão.”

Respirei fundo enquanto suas palavras giravam em minha mente. Eu tinha uma *dívida* com ele.

Tinha?

Repassei o que havia feito, como o traíra, não só roubando-lhe a noiva, Yesubai, como pondo em risco a vida dele e também nosso reino. Então, com Kelsey, eu a havia pressionado e a beijara, mesmo sabendo que ela gostava de Ren.

Mais tarde eu tentara ser nobre e prometera que ela poderia decidir os termos de nosso relacionamento. Mas, quando finalmente ela foi minha, eu soube que não a deixaria ir, independentemente das circunstâncias. Eu tinha, sim, uma dívida com Ren, mas simplesmente não conseguia entregar a ele a garota que eu amava.

Frustrado, corri a mão pela nuca. Olhei para o grupo e percebi que Kelsey não estava ali.

“Onde ela está?”, perguntei a Phet.

“Está chorando por aquele que ela acredita que ficará para trás”, replicou Phet.

Meu corpo imobilizou-se e inclinei a cabeça, captando os sons de seu pranto suave. Seu sofrimento atravessava a floresta tão claramente que era como se ela estivesse a meu lado. Tudo que eu queria era ir até ela. Interromper seu choro. Curar sua dor.

Dei um passo à frente e então hesitei. De repente, me dei conta de duas coisas. A primeira era que eu sabia por *quem* ela estava chorando. Ela acreditava que *Ren* ficaria ali com Durga.

Quando eu assumira o papel de minha tia-avó Saachi, Kelsey havia confessado seus sentimentos em relação às tendências, digamos, heroicas de Ren. O que ela não sabia era que meu irmão preferia a companhia de diplomatas à de guerreiros. A única razão de ele se arriscar repetidas vezes era porque estava loucamente apaixonado por minha noiva.

A segunda coisa que percebi foi que meu irmão estivera atento a ela e que a ouvira chorar muito antes de eu sequer perceber que ela havia sumido. A sensibilidade exagerada dele em relação a Kelsey era irritante. Eu teria *sempre* de competir com meu irmão?

Deixando de lado minha insegurança em relação a Ren, pus-me a escutar o choro da mulher que eu amava.

Como posso deixá-la?

Outra parte de minha mente sussurrou: *Como posso não deixar?*

O peso do mundo de repente parecia estar sobre meus ombros, e eu não era nenhum Atlas para ter a força que sustentaria aquele peso. Eu sucumbiria sob o fardo.

Eu consigo fazer isso? Consigo deixá-la?

Admiti o fato de que ela ainda amava Ren. Seus sentimentos eram óbvios para qualquer um que os visse juntos, mas eu acreditava que, com o tempo, ela viria a me amar da mesma forma, se não mais. Lembrar de quão devastada ela ficara quando Ren morreu, de quanto sofrera durante o tempo em que ele não se lembrava dela e, a contragosto, de como ela se apoiara nele primeiro quando nós a resgatamos de Lokesh deixava um gosto amargo em minha boca.

Nesse momento, Ren se manifestou, distraíndo-me de meus pensamentos, e disse suavemente enquanto fitava as árvores por onde ela desaparecera: “Não posso viver sem ela, Kishan.”

Então o que isso quer dizer? Que eu devo simplesmente ir embora? Esquecer a felicidade? Esquecer meu futuro? Esquecer a família pela qual eu ansiava, a que aparecera na visão?

Esfregando o maxilar com a mão, pensei em meu irmão. Que ele amava Kelsey era óbvio. Se eu me afastasse, sabia que ele a faria feliz. A pergunta era... Kelsey poderia ser feliz sem Ren?

A resposta me veio em um instante.

Não.

Ela se esforçaria ao máximo, mas uma parte dela sempre sofreria por ele.

A escolha de repente tornou-se óbvia. O tigre que ficaria para trás teria de ser... eu.

Deixar essa ideia assentar em minha mente era tão doloroso quanto ser atingido por uma saraivada de flechas. Centenas de pequenas dores me feriram ao mesmo tempo. Se alguém tivesse aparecido e arrancado o coração ainda pulsante de meu peito, eu lhe teria agradecido o favor. Até respirar doía.

Phet olhou para mim com urgência mais uma vez e assenti ligeiramente.

Surpreso por ter força para isso, pus a mão no braço de meu irmão e disse: “Você não vai ter de fazer isso, irmão. Só me deixe... – murmurei então – me deixe dizer adeus.”

Ren voltou os olhos surpresos para mim e também segurou meu braço, assentindo, com uma expressão de alívio e gratidão.

A dor atenuou um pouquinho. Ela ainda me esmagava insuportavelmente, mas enfim eu conseguia olhar meu irmão nos olhos. Após séculos de culpa e desconfiança, senti o doce alívio do perdão e percebi que meu sacrifício havia eliminado o abismo que eu criara entre nós – uma barreira que nunca

deveria ter existido. De repente, eu me senti como se fosse o irmão mais velho e mais sábio.

Enquanto andava em meio às árvores para dizer adeus à mulher que eu amava, uma parte de mim tinha a esperança de que ela recusaria aquilo, que insistiria em que eu voltasse com ela. Quando irrompeu em soluços histéricos ao me ver e percebi que ela estava chorando não por mim, mas por ele, soube que minha causa estava perdida. Que o amor dela por ele era, e sempre seria, mais forte. Ela dizia que não podia me deixar, mas o fato era que ela... *fez isso*.

Desde então eu lamentava minha decisão. Tinha sido um idiota por permitir que isso acontecesse. Por fazer com que minha necessidade de remendar o relacionamento com meu irmão influenciasse minha decisão em relação a Kelsey. Racionalizei que Kelsey estava perturbada porque pensava que Ren fosse ficar para trás e que, se tivesse mais alguns minutos para considerar minha permanência no passado, teria ficado igualmente perturbada.

Agora, aqui estava Phet diante de mim, seis meses depois, dizendo que Kelsey precisava de mim. Por dentro, eu vibrava com a notícia. Talvez nem tudo estivesse perdido. Talvez ela tivesse se dado conta de que me amava, afinal.

Soltei o ar que estivera prendendo e perguntei:

– Ela está correndo perigo?

Mas o que eu queria mesmo perguntar era: “Ela sente minha falta?”

– Está. Kelsey corre grande perigo. Mas não do tipo que você está pensando.

– Como assim? – perguntei, confuso. Então outro pensamento veio à tona. – Espere um pouco. Você a chamou de Kelsey, não Quel-si. – Cruzei os braços diante do peito. – O que é que está acontecendo aqui exatamente?

Phet soltou o ar devagar e disse:

– Talvez seja melhor você saber de tudo.

Ele agarrou um emblema em um colar escondido sob sua túnica, e o gesto familiar me deixou confuso. Um presságio percorreu minhas veias e dei um passo para trás.

– O que... O que você está fazendo?

O homenzinho aprumou-se até chegar a sua verdadeira altura e sorriu ao dizer:

– Lenço Divino, por favor, me devolva a minha forma normal.

Túnicas marrons se moveram enquanto fios se enrolavam em torno de seu corpo. O que eu estava vendo não fazia qualquer sentido. Eu sabia que o Lenço Divino se encontrava, nesse momento, sob os cuidados de Durga, então, mesmo que de algum modo ele tivesse se apoderado do lenço, por que estava mudando para uma forma diferente?

A magia espiralava em volta dele, obscurecendo-lhe o rosto, e então, quando os fios finalmente se aquietaram, caí de joelhos e as lágrimas toldaram minha visão.

– Não... não é possível – sussurrei, incapaz de acreditar em meus olhos.

– Você sabe que é – respondeu ele gentilmente.

– Como é que você...? – Tive dificuldade em engolir, dominado pela emoção. – Quando?

– Ah... o *quando* é um pouco complicado. O *como* eu vou lhe mostrar.

Ele segurou meu braço e me ajudou a me levantar. Seus olhos se franziram nos cantos quando sorriu e disse:

– Como é bom ver você, Kishan.

– As palavras não podem expressar o que sinto ao vê-lo outra vez, *Kadam*.

– Sim – murmurou ele, um tanto distraído. – Agora vamos ver o que podemos fazer para salvar a Srta. Kelsey, está bem?

Assenti, completamente assombrado com o fato de meu mentor, amigo e pai substituto haver de alguma forma retornado do mundo dos mortos.



Salvando Kelsey

- Podemos? – Ele encontrou um tronco virado e se sentou.
Eu ainda não conseguia acreditar que ele estivesse ali. Que estivesse vivo.
- Como você voltou? – perguntei.
- Não voltei. Não exatamente. Quando você testemunhou minha morte, eu *de fato* fiz minha passagem deste mundo. Mas você precisa entender que esse evento, embora já tenha ocorrido na sua linha do tempo, ainda não aconteceu na minha.
- Ainda não aconteceu? Não estou entendendo.
- Kadam sorriu pacientemente e perguntou:
- Lembra-se de quando apareci com Nilima depois que vocês resgataram a Srta. Kelsey de Lokesh?
- Sim. Vocês estavam desaparecidos havia semanas.
- Correto. Contei a vocês então que uma força havia levado a mim e Nilima no momento em que o arpão disparou em nossa direção.
- Quando assenti, ele puxou da camisa o fragmento do Amuleto de Damon que costumava usar e prosseguiu:
- E depois disso vocês descobriram que o pedaço do amuleto que uso é o que controla o espaço e o tempo.
- Sim. Mas como você pode estar usando o amuleto novamente quando sei que esse pedaço específico, que foi usado para enviar Lokesh para o passado, foi reintegrado ao amuleto completo e no momento se encontra no pescoço de Anamika?
- Eu tenho este pedaço porque ainda o uso em meu tempo.
- Ponho-me de pé, comecei a andar de um lado para outro. Kadam tirou um frasco do bolso e desenroscou a tampa. Um cheiro pungente pairou no ar.
- Olíbano? – ofereceu. – Acalma os nervos.

Recusei sua oferta com um gesto e ele deu de ombros, pegando um pedaço antes de tornar a fechar o frasco.

– Então me diga de *quando* você vem – insisti.

– Eu venho de pouco antes da minha morte – replicou Kadam suavemente.

– Vocês todos achavam que eu não estava muito bem depois da minha volta, mas na realidade eu estava fazendo o trabalho que o destino me atribuiu.

– Você se ausentava com frequência – murmurei. – Estava distante.

– Sim – respondeu ele. – Muito distante, de fato.

Ajoelhando-me diante dele, implorei:

– Você pode voltar então e desfazer o que aconteceu. Podemos derrotar Lokesh junto com você. Seu sacrifício não é necessário. Você não tem que morrer. Ainda não aconteceu na sua linha do tempo, então podemos evitar.

Ele sacudiu a cabeça.

– Lokesh é poderoso demais. Se você tivesse me ajudado, a Srta. Kelsey teria sido levada.

– Mas nós podíamos...

Kadam me interrompeu, erguendo a mão.

– Kishan, filho, confie em mim quando digo que minha morte é e era a única maneira de mandar Lokesh para o passado e que sua derrota no passado afeta o futuro. Sem um monstro para Anamika derrotar, sem uma deusa – ele sorriu –, ou duas, entrando na batalha montada em um tigre, o tecido de nosso mundo se desmancharia. Isso é muito mais importante do que prolongar minha vida.

Como não retruquei, ele estendeu a mão e segurou meu braço.

– Por favor, aceite isso. Deixar vocês será a coisa mais difícil que terei que fazer, mas sei que precisa ser feito. De alguma forma, quando chegar a hora, tentarei encontrar coragem.

Desolado, apoiei minha testa em seu joelho. Meus olhos ardiam com as lágrimas não derramadas.

– Eu sei que encontrará – afirmei, renovando meu luto por sua perda iminente.

Quando ergui a cabeça, perguntei:

– Phet existiu ou foi sempre você?

– O propósito de Phet era orquestrar a maldição do tigre. Eu sou Phet e ele sou eu... na maior parte do tempo – afirmou, hesitante.

– Mas nós teríamos farejado você. Tanto Ren quanto eu teríamos percebido isso há muito tempo.

Kadam sacudiu a cabeça.

– Consegui ocultar meu cheiro não só enchendo a cabana com uma imensa quantidade de ervas, mas também me deslocando ligeiramente no tempo. Vocês também têm essa habilidade. Ambos podiam me ver e tocar, mas, se pararem para pensar, vão notar que não se lembram de Phet ter um cheiro pessoal. – Ele pôs a mão em meu ombro. – Kishan, por mais que eu fosse gostar de fazer isso, discutir o lugar de Phet em nosso mundo não é a razão de eu estar aqui hoje. Você precisa viajar para o futuro e salvar a Srta. Kelsey.

– Salvá-la? Como? Ren...

Kadam ergueu as mãos para me interromper, levantou-se e disse:

– Será mais fácil mostrar. Você vai precisar do Amuleto de Damon. Pegue-o emprestado com Anamika, mas não conte a ela que me viu, não ainda. Encontre-me aqui em uma hora e eu lhe darei as instruções que você precisa para cumprir seu propósito.

Pisquei e ele se foi, deixando apenas a grama amassada no local onde tinha estado. Meu mundo havia sofrido outra reviravolta, mas dessa vez a ideia me deixava eletrizado. Cada nervo de meu corpo estava tenso e a adrenalina circulava em minhas veias enquanto eu corria por entre as árvores. Insatisfeito com meu ritmo, transformei-me em tigre e cobri a distância até o pé da montanha de Durga em pouco tempo.

Esculpido no imponente pico himalaio chamado monte Kailash, o palácio de Durga raramente era visto, pois com frequência se ocultava entre as nuvens, mas, quando o sol afugentava esse seu manto orvalhado, a visão de nosso lar era impressionante. Fora construído no estilo de um templo chinês, com torres, pavilhões e arcos que acompanhavam os contornos da encosta da montanha. Cinco andares se conectavam por meio de escadarias e longos corredores, e os íngremes telhados eram revestidos com ladrilhos vitrificados que reluziam ao sol.

No centro de duas torres simétricas, Anamika usara seu poder para criar um chafariz que se elevava a grande altura, se derramava sobre pedras de granito no nível mais baixo e então corria livremente pela encosta, criando uma cachoeira que refletia o arco-íris quando o sol da tarde incidia sobre ela no ângulo certo.

Cercava o chafariz um amplo jardim florido com dezenas de variedades de rosas e, em um dos cantos, ela havia modelado um grande lago, onde

cultivava lótus, sua flor favorita. Quando eu ficava no palácio, meu lugar favorito era seu jardim. À noite, eu dormia na grama aparada e macia, sob o céu estrelado, e imaginava o que poderia ter sido.

Uma escadaria em zigue-zague fora esculpida na pedra, levando do palácio até o pé da montanha, onde acólitos se reuniam para pedir favores à deusa. Era o único acesso dos mortais a nossa casa, por isso era fechado e fortemente vigiado. Havia sempre um bom número de pessoas acampadas logo abaixo do palácio, implorando permissão para entrar. Somente a poucas pessoas especiais era concedida uma audiência com Anamika. Mesmo assim, quando subiam ao topo, eram sempre escoltadas pelos leais soldados remanescentes do exército de Durga.

Querendo evitar ser visto, dei a volta por trás da montanha, passando por uma entrada particular que somente Anamika e eu usávamos. Por mais dramático que fosse subir e descer em uma nuvem todos os dias, ambos decidimos que queríamos algo mais prático e construímos entradas secretas para o palácio que um dia pertencera a Lokesh.

Mudando para a forma humana, apoiei a mão em uma depressão na parede, onde havíamos criado uma espécie de fechadura usando nosso poder. Fora ideia minha instalar um mecanismo baseado no reconhecimento das mãos que daria entrada somente a nós dois. Eu sabia que Kelsey conseguira usar a magia do desenho de hena de Phet para entrar em diferentes reinos onde os presentes de Durga haviam sido escondidos, e eu tinha guardado a informação.

A porta oculta se abriu e me certifiquei de que estivesse novamente fechada antes de subir a longa escadaria. De repente, pensei em uma coisa que me fez interromper abruptamente a subida. Percebi que nunca houve um desenho de hena dado por Phet. Sempre fora um desenho de Kadam. Fora ele quem iniciara Kelsey em sua jornada. Sacudindo a cabeça, tentei não pensar na estranheza de Kadam ser Phet e, em vez disso, me concentrei em Kelsey. Os degraus pareciam intermináveis quase todos os dias, mas especialmente hoje, quando eu sabia que logo veria Kelsey.

Irrompendo pelo painel oculto e correndo até o salão principal, gritei:

– Anamika!

Não houve resposta. Deslizando brevemente no mármore escorregadio e tropeçando nos cantos de um tapete muito caro, presente de um rei como forma de expressar gratidão pela ajuda de Durga para superar a seca que afetara sua nação, procurei cômodo após cômodo, minha voz ecoando em cada um dos amplos espaços.

Opulento e impressionante eram duas palavras que vinham à mente assim que se pisava no palácio que Lokesh havia criado para ser sua residência na montanha. Escavado na encosta e repleto com mais riquezas do que eu jamais imaginara que existissem, o lugar era o sonho de um rei ganancioso.

Mesmo que eu já não preferisse antes os espaços ao ar livre, o interior da casa de Lokesh teria feito com que isso acontecesse. Suponho que fosse bonito de certa forma. As paredes eram incrustadas com pedras preciosas que o mago maligno havia extraído da terra.

O trono de Durga, feito de diamante cor-de-rosa, era impressionante, assim como o salão em que ela recebia embaixadores, mas eu achava que todo o local tinha uma atmosfera estéril e fria. Anamika havia se esforçado para tornar os grandes salões mais aconchegantes, mas, como o teto de cada ambiente se elevava muito acima das cabeças e não havia com quem partilhar as riquezas, o local acabava ecoando de uma forma solitária. Eu perambulava por ele como uma abelha deixada sozinha na colmeia. O espaço a minha volta parecia errado – desprovido do zumbido diário da vida normal.

Lokesh *tinha* o dobro do tamanho de um homem normal quando morara ali, portanto suponho que as dimensões alongadas do lugar fossem necessárias. Ele havia fundido seu corpo com o de um búfalo e se tornara uma criatura monstruosa que provavelmente precisava da cama gigante e da lareira grande o bastante para cozinhar três alces – um ao lado do outro –, que ficavam onde agora era meu quarto.

Frustrado, voltei para o salão ao qual me referia como sala do trono e chamei novamente:

– Anamika!

Senti sua presença antes de ouvi-la.

– Por que você está berrando? – perguntou ela, irritada.

– Onde você estava?

– Eu estava...

Eu a encarei com os olhos estreitados.

– Você saiu para ajudar alguém e não me avisou?

Ela levantou o queixo, resoluta.

– E se tiver saído?

Exasperado, passei a mão pelos cabelos.

– Você conhece a regra, Ana. Você não sai sem mim. E se alguma coisa tivesse acontecido?

– Você estava ocupado com seu desconsolo. Além disso, essas pessoas precisavam mesmo de ajuda. Aconteceu um incêndio e...

Eu a interrompi:

– Não estou nem aí se uma nação inteira pegar fogo. A regra é: venha e me encontre primeiro.

Ela soltou um suspiro profundo e murmurou, enquanto se abaixava para tirar as botas:

– Tudo bem. Da próxima vez vou forçar sua pessoa digna de pena a me acompanhar. Está bem assim?

– Sim.

Ela puxou a fivela que prendia seus cabelos e a cabeleira negra e sedosa cascadeou por suas costas. Fiquei transfixado quando correu as mãos por ela e suspirou de prazer por finalmente poder relaxar.

Quando ela se virou e anunciou que ia tomar um banho e depois iria para a cama, eu a segui até ela perceber. Então ela empurrou meu braço e colocou a mão em meu peito, como se para me impedir.

– Isso não foi um convite – disse ela.

O calor de seu toque se espalhou por meu corpo, provocando uma lânguida sensação de profundo contentamento. O poder fluiu entre nós, vibrando como uma tempestade em formação. Quanto mais perto ela chegava de meu coração ao me tocar, mais poderosa era a sensação. Eu me perguntei brevemente se a conexão entre Ren e Kelsey era assim tão forte. Então me lembrei de que não queria pensar nisso.

Afastando-me dela e esfregando o braço, retorqui:

– Mesmo que fosse, eu não aceitaria. Você é áspera demais para esfregar as costas de um homem.

Um rubor subiu por seu pescoço e inflamou seu temperamento já esquentado.

– Estou bem ciente de que você prefere mulheres suaves e maleáveis. E pode acreditar quando digo que não tenho qualquer interesse em ver suas costas nuas, muito menos em esfregá-las para você!

Ergui as mãos em rendição.

– Está certo. Acalme-se. Desculpe por aborrecê-la. Só estava pensando que seria uma boa ideia ficar com o amuleto enquanto você toma banho. Assim, se surgir alguma coisa, posso resolver enquanto você relaxa.

– O que aconteceu com a história de nós dois resolvermos juntos?

– Se for alguma coisa importante, virei buscar você. – Sorri. – Quer você esteje vestida ou usando nada mais que espuma de sabonete.

Anamika sibilou.

– Você *não vai* perturbar o meu banho.

Ela mordeu o lábio de forma tentadora enquanto ponderava o que fazer. Quando refletia sobre alguma coisa, seus olhos verdes se iluminavam. Aquelles olhos se ergueram para os meus e então, rapidamente, se desviaram.

– Ana, se eu não conhecesse você, diria que está enrubescendo.

– A deusa Durga não enrubesce – declarou ela ao erguer o queixo com altivez.

Eu ri.

– Claro que enrubesce.

Com um grunhido de frustração, ela arrancou o amuleto de seu pescoço e o enfiou em minhas mãos.

– Tome, mas não me perturbe pelo resto da noite.

– Sem problema. – Ela me deu as costas. – Durma bem, Ana – falei enquanto se afastava.

Ela parou e assentiu com a cabeça antes de virar no corredor.

Eu só havia ameaçado interromper seu banho porque sabia que isso a distrairia de meu estranho pedido para ficar com o amuleto, mas não podia negar que a ideia de encontrá-la em uma banheira de espuma era agradável. Ali, parado no local em que ela desaparecera, fiquei olhando para o nada por um momento, esfregando o maxilar e sorrindo, antes de me lembrar de que tinha algo a fazer.

Kelsey!

Em dois segundos saí pela porta do palácio e usei o poder do amuleto para transportar meu corpo através do espaço de volta ao ponto da floresta onde deixara Kadam.

Quando as árvores giraram à minha volta – uma sensação vertiginosa e nauseante – e finalmente pararam, me perguntei se estava no lugar certo.

– Kadam? Kadam? – gritei.

Ele se materializou instantaneamente.

– Peço desculpas por deixá-lo à espera. A Srta. Kelsey estava preocupada comigo.

– Ela... Você a viu agora?

– Em meu tempo, sim.

Tentando me livrar da confusão, decidi não me aprofundar.

– Você disse que tinha instruções?

Ele segurou meu braço e assentiu.

– Venha comigo e, quando chegar a hora, salve-a.

Franzindo a testa, eu disse:

– Não acho que você tenha me dado informações sufi...

O solo da floresta começou a girar e, com um solavanco nauseante, fui arancado do passado e impelido para o futuro. Quando chegamos ao destino que ele havia escolhido, ainda estávamos cercados por árvores e nossos pés afundaram numa grossa camada de neve.

– ... cientes.

Enquanto eu cambaleava e caía apoiado em um dos joelhos, subjugado pelo salto no tempo, Kadam sussurrou algumas palavras e a gravata que ele estava usando explodiu em milhares de fios coloridos. O Lenço Divino funcionou de acordo com seu comando e logo estávamos vestidos em trajes modernos para a neve. Com o trabalho finalizado, o lenço transformou-se em uma versão de si mesmo feita de lã vermelha grossa. Kadam jogou a ponta sobre o ombro e disse:

– Siga-me.

– Como não desmaiei? – perguntei enquanto avançava aos tropeços, minha força voltando rapidamente.

– O Amuleto de Damon torna a transição mais fácil e, no meu caso, já viajei através do tempo vezes suficientes para ter me acostumado a seus efeitos. Você logo se adaptará também.

As densas coníferas que nos cercavam estavam pesadas com a neve que as cobria e eram uma linda visão enquanto o sol poente fazia a neve espessa brilhar em um rubor de cores que me lembrava as bochechas de Kelsey. Em poucos minutos saímos da floresta e chegamos a um resort. As cores externas e o telhado inclinado imitavam a impressionante vista da montanha atrás dele.

– Não estamos no Himalaia, estamos? – perguntei, embora já soubesse a resposta.

Kadam sacudiu a cabeça.

– Aqui é o monte Hood.

– Oregon – eu disse, tanto para mim mesmo quanto para ele.

Estava confuso, pois lembrava que Kelsey não gostava muito de neve. Talvez isso tenha se originado quando ela foi atacada por um urso naquela vez que subimos juntos o monte Everest na busca pelo portão do espírito. Mas, se a memória não me falhava, ela mencionara que não gostava do que chamava de “esportes de inverno”, e esse lugar, pela atividade que eu estava observando, era claramente projetado com esse objetivo.

Dezenas de pessoas, inclusive crianças pequenas, dirigiam-se para o resort, muitos carregando esquis ou pranchas ao se recolherem para a noite. Estavam vestidas com roupas em uma variedade de cores, do tipo que eu sabia serem do tempo de Kelsey.

Elas entravam em um edifício principal ladeado por duas alas feericamente iluminadas. As dezenas de janelas me fizeram deduzir que era nas alas que ficavam as acomodações dos hóspedes. Uma luz cálida jorrava do edifício e postes de luz iluminavam nosso caminho à medida que o sol ia mergulhando além do horizonte. Logo alcançamos um grupo carregando seu equipamento nos ombros e entramos com eles no edifício.

Depois de nossa vez batendo as botas em grossos tapetes na entrada, Kadam me levou até uma lareira de pedra e mandou que eu me sentasse.

– Não se levante – disse ele. – Não até que eu lhe diga. – Com essa instrução enigmática, ele me deixou sozinho.

Uma garçonete não demorou a me trazer uma caneca de chocolate fumegante coberto com chantilly e canela, que eu suspeitava que Kadam havia pedido que me fosse servido. À medida que o fogo e o chocolate me aqueciam, meu coração começou a bater mais forte, sabendo que logo a veria outra vez.

Kelsey, a mulher que eu amava mais do que tudo, chegaria a qualquer momento. Ensaiei minhas primeiras palavras. *Você não faz ideia de como é bom ver você. Senti tanta saudade. Eu errei. Por favor, volte para mim. Eu te amo.*

Eu ainda não sabia quais palavras brotariam de mim inicialmente e, para ser sincero, não estava preocupado com isso. Se pudesse apenas pôr os olhos nela outra vez, tinha certeza de que saberia o que dizer. Uma família entrou arrastando as malas e se deteve na área de espera onde eu me encontrava. A mãe sorriu para mim timidamente, ao passo que o pai me olhou de cima a baixo antes de arrumar seus pertences em uma pilha, e então disse à jovem filha:

– Sente-se perto da lareira enquanto fazemos o check-out. A gente deve demorar alguns minutos, pois há fila.

A garota assentiu e pôs a mochila na cadeira a meu lado. Abrindo o zíper, ela pegou um livro e, depois de puxar a touca cor-de-rosa até as sobrancelhas, escondeu a cabeça atrás dele e começou a ler.

Olhei para a garota, sorri e a cumprimentei movendo a cabeça, mas então voltei a me remexer, nervoso, pensando na mulher que eu amava. Ergui meu

chocolate quente e bebi um gole, deixando que o aroma fizesse cócegas no nariz. Então fiquei paralisado quando um novo cheiro me assaltou. Kelsey! Ela estava ali! Girando a cabeça de um lado para outro, procurei por ela entre o alvoroço de pessoas e amaldiçoei o fato de Kadam ter insistido em que eu permanecesse sentado. Ainda assim, estiquei o pescoço e me contorci de toda forma possível para ter um vislumbre dela.

– Você está bem? – perguntou a garota, me espiando por sobre as páginas de seu livro.

– Sim – repliquei, irritado. – Só estou procurando uma pessoa.

– Quem?

– Estou procurando minha... minha amiga.

– Como é a sua amiga?

– Cabelos compridos castanhos, olhos castanhos, um lindo sorriso.

Os olhos dela se arregalaram enquanto ela me espiava acima da borda do livro e dava uma risadinha.

– É a sua namorada?

– Era.

Girei na cadeira, examinando as pessoas que saíam pela porta, temendo que ela houvesse passado por mim e partido. Eu não a vi, mas seu cheiro ainda estava forte, então relaxei e deixei escapar um suspiro, lembrando-me de que devia confiar em Kadam. Ainda assim, mantive os olhos bem abertos.

– E você está aqui para reconquistá-la, certo?

– Mais ou menos isso – murmurei, distraído, enquanto levava à boca o chocolate e bebia.

– Isso é tão romântico – disse ela.

Resmunguei e dirigi um sorriso irônico à garota.

– Pelo menos *você* acha isso.

– Ah, eu acho. Seu chocolate está cheiroso. Tem canela nele? – Ela agora me espiava pela esquerda do livro, de modo que eu só podia ver metade de seu rosto.

Quando inclinei a cabeça para vê-la melhor, ela arquejou e escondeu novamente os olhos.

– Quer um? – ofereci.

– Humm... não devo aceitar presentes de estranhos.

– Então vou me apresentar. Meu nome é Kishan.

– É um nome estranho. De onde você é?

– Da Índia. E você, de onde é?

– De Salem.

Sorri.

– Eu conheço a cidade. – Ela me olhou sorrateiramente por um segundo, pelo lado direito do livro, e eu disse: – Não precisa ter medo de mim.

– Não estou com medo – insistiu ela. – Só estou sendo... cautelosa.

– Como deve mesmo ser – comentei, sério, assentindo.

Chamei a garçonete, que logo trouxe um segundo chocolate para a garota, e ficamos em silêncio por alguns minutos, eu observando o vapor elevar-se no ar e ela fingindo ignorar meu gesto. Por fim, perguntei:

– Você não vai nem experimentar? É muito bom.

Devagar, ela moveu o livro, ainda mantendo o rosto escondido, e sua mão enluvada projetou-se e segurou a alça da caneca. Após alguns goles ruidosos, pousou a caneca meio vazia de volta na mesa.

Rindo, eu disse:

– É bom ver novamente uma garota que saboreia seu chocolate. Minha namorada adorava chocolate quente.

– É delicioso – disse ela, tímida. – Obrigada. – Enfim ela baixou o livro e sorriu para mim. Feliz com minha pequena vitória, eu estava prestes a caçoar dela, dizendo que parecia uma traça devorando um livro, quando fitei seus olhos. Globos familiares cor de chocolate em um rosto encantadoramente redondo, de maçãs rosadas. Um tremor me percorreu e meu coração parou.

– O que foi? – perguntou ela, formando as palavras em torno do aparelho de metal preso a seus dentes.

– Eu... eu... eu não sei. – Engoli em seco, mal conseguindo falar.

Eu a encarava de uma forma que tinha certeza que ia assustá-la e ela jogou o livro de lado.

– Está tendo um ataque cardíaco, Sr. Kishan? Por que não está se mexendo?

Ela se aproximou de mim e sacudiu meu ombro. Longas tranças balançavam de um lado para outro, como o pêndulo de um relógio de pé marcando o tempo, e, quando ela se inclinou sobre mim, não pude deixar de rir interiormente da ironia.

Kadam aproximou-se e a garota recuou. Ele assegurou-lhe de que eu estava bem, mas que provavelmente estava um pouco desorientado em razão de uma queda feia. Quando ela voltou a se sentar, me observando, preocupada, ele sentou-se ao lado dela e se apresentou. Ela falou muito mais à vontade com ele e, depois de se certificar de que eu estava recuperado, virou

o restante do chocolate e começou a contar a ele sobre as férias com os pais na estação de esqui.

Kelsey.

A garota que eu amava estivera sentada a meu lado o tempo todo. Seu cheiro inesquecível estivera por toda a minha volta. Essa era *minha* Kelsey. Imaginei que ela tivesse uns 13 anos. Suas bochechas estavam rosadas por causa do calor do fogo e cor-de-rosa parecia ser sua cor favorita, se a mochila e o gorro serviam como indicação. Como pude não reconhecê-la? Era óbvio para mim agora. Eu devia tê-la identificado pelos olhos. Pela voz.

Após um momento, seus pais voltaram e, enquanto Kelsey apresentava Kadam, olhei demoradamente as duas pessoas que a haviam influenciado tanto. A mãe era cheinha e bonita como a filha e, enquanto ela ouvia Kadam contar sua história fabricada das pistas de esqui, vi a força por trás da simpatia que tantas vezes eu vira nos olhos de Kelsey. Ela herdara da mãe a determinação e a franca generosidade.

Quando o pai se sentou ao lado dela e colocou a mão no ombro da mulher, Kelsey se aninhou entre os dois e recostou a cabeça nele. Uma terna lembrança das vezes que ela fez o mesmo comigo me veio à mente. Enquanto ele falava com Kadam, reconheci a mente aguçada atrás do homem gentil. Ele limpava os óculos durante a narração de Kadam.

A versão jovem de Kelsey me fascinava. Ela ainda movimentava as mãos ao falar. Os cabelos castanhos eram mais longos do que eu estava acostumado a ver e em suas tranças faltavam as costumeiras fitas. O riso franco que ia até os olhos era o mesmo. Meu coração se apertava ao vê-la como tinha sido, e naquele momento apaixonei-me por ela ainda mais do que antes. Eu a amava independentemente da idade e, se ela precisasse ser salva, então eu me lançaria montanha abaixo para protegê-la. Era hora de me tornar um participante ativo na conversa.

– Está tudo bem, pai – afirmei a Kadam. – Tenho certeza que posso esperar até de manhã.

– Bobagem – replicou a mãe de Kelsey. – Tem espaço suficiente para levar você.

– Bem, Maddie, nós temos muita bagagem – contrapôs Joshua Hayes.

– Não quero ser um fardo, de jeito nenhum – declarei. – Vou passar a noite aqui e irei no transporte da manhã.

– Ouça, filho – insistiu Kadam –, pode estar quebrado. Não quero esperar tanto tempo para examinar seu tornozelo. Se você pudesse andar, seria outra história.

Pegando sua deixa, eu disse:

– Olhe, está tudo bem. Eu *posso* andar. Está vendo? – Levantei-me, pondo o peso todo na perna direita, então dei alguns passos desajeitados e agarrei uma coluna de madeira ali perto, mancando como se estivesse sentindo uma dor terrível. Kelsey gritou e correu até mim. Ela passou o braço pela minha cintura e sua mãe veio para o outro lado, alvoroçando-se em volta de mim enquanto eu tornava a me sentar.

– Eu não vou mais ouvir essas bobagens – disse ela. – Joshua, vamos levar este jovem para o hospital, vê-lo acomodado e pronto. Não se fala mais nisso.

– Sim, querida. – O marido sorriu e começou a pegar a bagagem. – Vou buscar o carro e guardar nosso equipamento primeiro.

Dando tapinhas em meu braço, Maddie disse:

– Fui enfermeira até ter Kelsey e sei que um tornozelo quebrado não é brincadeira. Fique sentado aqui e nos deixe ajudá-lo. Eu insisto.

Ela exibia a mesma expressão determinada de “Não vou aceitar não como resposta” que aparecia no rosto de Kelsey e, embora eu soubesse que Kadam havia orquestrado a coisa toda, não pude deixar de me divertir com a situação. Sorri calorosamente para as duas mulheres Hayes e repliquei:

– Ter duas jovens senhoras tão adoráveis cuidando de mim já curou todos os meus males, exceto um.

– O que ainda dói, Sr. Kishan? – perguntou a jovem Kelsey.

Inclinando a cabeça na direção dela como se fosse lhe contar um segredo, eu disse em voz alta:

– O fato de que não posso ter nenhuma das duas para mim é o que mais dói.

Kelsey ficou boquiaberta e a mãe me encantou com um rubor que coloriu suas faces.

– Ora, ora – disse ela. – Eu sou muito velha para você e Kelsey é muito nova. Além disso, se meu marido o ouvir flertando conosco, pode mudar de ideia sobre levá-lo para o hospital.

– Se vocês duas me pertencessem, receio que iria guardá-las com o mesmo ciúme – concedi. – Esse será nosso segredo então – falei, com um sorriso.

Depois que Kadam pagou à garçonete nossos chocolates quentes, Maddie Hayes se levantou, enquanto Kadam exclamava com toda a sinceridade:

– Minha querida, a senhora me tratou com a maior generosidade. Não são muitos os que se dispõem a ajudar o outro como a senhora fez. Confio

meu filho totalmente a seus cuidados e sei que vai tratá-lo como se fosse seu filho. – Ele fez apenas uma breve pausa antes de continuar, sério, segurando a mão dela entre as suas: – Espero que saiba que eu faria o mesmo por sua filha, se fosse preciso.

– Eu gostaria que houvesse espaço no carro para o senhor também – replicou ela com bondade.

– Infelizmente, o destino decidiu que eu deveria ficar para trás. Mas nem tudo está perdido. A senhora é uma alma extraordinária, Sra. Hayes. É uma honra tê-la conhecido.

– Minha também – disse ela.

– E sua namorada? – perguntou Kelsey. – Não devíamos esperar que ela voltasse?

Baixando os olhos, eu disse suavemente:

– Se ela quisesse voltar para mim, teria voltado.

Enquanto Kelsey pegava a mochila, eu a ouvi murmurar:

– A garota deve ser louca de deixar um cara bonito assim.

Ela não sabia que, com minha audição de tigre, suas palavras eram claramente audíveis. Quando se voltou, sorri para ela, que enrubesceu e desviou o olhar.

Joshua Hayes logo veio nos buscar e ele e Kadam me ajudaram a claudicar até o veículo. Kelsey e a mãe ficaram na entrada do hotel enquanto os homens me acomodavam. Ouvi Kelsey perguntar à mãe:

– Por que estamos levando um estranho para o hospital? Pensei que precisássemos tomar cuidado com estranhos.

A mãe, pensando que eu não ouviria, respondeu:

– Meu coração me diz que eles não têm a intenção de nos fazer mal, e acredito que às vezes é melhor ouvir o coração do que a cabeça. Nunca deixe o medo impedi-la de ajudar os outros, Kells. Você está certa ao pensar que sempre deve tomar cuidado, mas às vezes, se não se arriscar, pode perder uma aventura incrível. Quero que você experimente tudo que a vida tem a oferecer, e isso significa correr riscos de vez em quando. Entendeu?

– Entendi – replicou Kelsey.

– Ótimo. Agora vamos nos certificar de que nosso convidado está confortável, ok?

Kelsey logo se juntou a mim no banco traseiro e, enquanto seus pais prendiam os cintos de segurança, me dei conta do milagre que era ter aquele vislumbre do passado de Kelsey. Sua mãe era uma mulher incrível e eu gos-

taria de tê-la conhecido antes. Ela me lembrava minha mãe, e fiquei triste por saber que Kelsey não podia mais contar com os pais. A morte deles deve tê-la deixado arrasada.

A noite estava fria e límpida e, embora houvesse nevado à tarde, as estrelas estavam claramente visíveis e a lua iluminava nosso caminho. Kelsey prendeu o cinto de segurança e guardou o livro na mochila. Antes que fechasse o zíper, vi de relance um objeto muito familiar.

– Isso é uma colcha? – perguntei.

Ela assentiu e, constrangida, gaguejou:

– Eu sei que estou muito velha para andar por aí carregando meu “cobertorzinho”, mas foi minha avó que a fez para mim e ela morreu uns meses atrás, então eu gosto de mantê-la por perto.

Inclinando a cabeça para ela, eu disse:

– Não precisa se envergonhar. Minha namorada tem uma colcha de estimação também.

Maddie me lançou um olhar de gratidão e acenou para Kadam, que assentiu silenciosamente para mim quando o pai de Kelsey ligou o carro. Agarrei o Amuleto de Damon escondido sob minha camisa, me perguntando de que forma eu teria de usá-lo.

O pai de Kelsey ligou o rádio, deixando a música tocar suavemente ao fundo enquanto descíamos devagar a montanha coberta de neve. O pequeno automóvel estabeleceu um ritmo que criava uma espécie de música própria quando combinado ao som das correntes dos pneus abrindo passagem na neve espessa. Recostando a cabeça, fechei os olhos e quase pude acreditar que Kelsey era minha e que estávamos visitando seus pais para pedir sua bênção, para que ela me apresentasse como o homem que ela amava, aquele sem o qual ela não podia viver.

Em vez disso, ela chamou minha atenção quando falou sobre a escola com a mãe. Parecia tímida ao responder às perguntas da mãe e eu me perguntei se seria o assunto ou minha presença que a deixava nervosa. Maddie tinha acabado de voltar sua atenção para mim e perguntava se eu estava de visita ou se havia me mudado para o Oregon quando Joshua ajeitou o retrovisor e olhou para trás.

– O que foi? – perguntou a mulher.

Ouvi o ruído de um carro e olhei pela janela traseira. A aceleração do motor vinha acompanhada por risadas escandalosas. Kelsey deu um pulo quando o motorista acionou a buzina várias vezes.

– Garotos loucos – disse Joshua. – Provavelmente estão bêbados.

– Ainda restam vários quilômetros de descida. Acene para que nos ultrapassem – sugeriu Maddie.

Joshua baixou o vidro da janela e agitou o braço, mas a buzina continuou. Quem quer que estivesse conduzindo o veículo atrás de nós dirigia em zigue-zague na densa camada de neve e gelo que cobria a estrada. Eles bateram com a traseira do carro em um abeto alto e o impacto lançou uma chuva de neve em cima do seu automóvel. Em vez de trazê-los à razão, o efeito que isso provocou nos garotos foi fazê-los dar gritos de comemoração, como se tivessem acabado de ganhar uma grande batalha. Então aceleraram, aproximando-se perigosamente de nosso veículo. Kelsey gritou.

– Vai ficar tudo bem – eu lhe assegurei. Ela assentiu, confiante, mas então o motorista em nossa traseira piscou os faróis altos. Kelsey abaixou-se no assento, de modo que sua cabeça não pudesse mais ser vista, envolveu o próprio torso com os braços e começou a brincar nervosamente com uma das tranças.

Vê-la assustada fez meus punhos se fecharem de raiva. Eu queria assumir a forma de tigre e atravessar a janela traseira. Imaginar-me aterrissando pesadamente no capô do carro deles e raspando as garras no para-brisa enquanto eu rugia e eles choramingavam me deu certa satisfação, mas duvidava que esse fosse o motivo para eu estar ali.

Por que estou aqui? Para salvar Kelsey. Mas de quê? Desses garotos? O que eles querem com ela? Assim que comecei a especular, minha mente foi tomada por possibilidades nefastas que me fariam rasgar a garganta de qualquer garoto que ousasse sequer pensar nelas. É por isso que estou aqui? Para evitar que esses garotos machuquem Kelsey e seus pais?

Até aquele momento, eles tinham se limitado a ser irritantes. Não havia razão para cortar gargantas. Pelo menos, *ainda* não. Kelsey e os pais estavam seguros por ora.

O carro seguia costurando atrás de nós, os faróis criando no interior de nosso carro sombras que se esticavam e encolhiam a cada curva. Eu podia ver a tensão nos olhos de Joshua Hayes, mas devo reconhecer que ele estava tão calmo como se estivesse lendo um livro.

Ele se esforçava para acalmar a mulher e a filha e se recusou a acelerar na descida da perigosa montanha, apesar da pressão dos jovens idiotas colados em sua traseira. Para distraí-las, começou a falar sobre aonde deveriam ir nas férias do próximo ano, sugerindo uma praia ou algum outro lugar quente, e perguntou aonde elas gostariam de ir.

– Kelsey – disse ele –, o que você acha?

Ela deu de ombros e, quando ele tornou a perguntar, falou baixinho:

– Eu escolhi este ano. Talvez mamãe possa escolher no próximo.

– Tem razão. – O pai sorriu no espelho retrovisor. – Maddie? Aonde você gostaria de ir?

– Ah, não sei – respondeu ela, nervosa. – Kishan? Talvez você possa nos falar um pouco sobre a Índia – sugeriu.

Eu tinha acabado de abrir a boca para responder quando o carro que vinha atrás bateu em nós e nos jogou alguns metros à esquerda antes que o pai de Kelsey recuperasse o controle.

– Agora isso está indo longe demais! – disse o Sr. Hayes em tom severo. Manobrou para voltar à sua faixa com a intenção de parar o carro, mas os garotos bêbados, que continuavam atrás, nos atingiram novamente, dessa vez nos lançando para a frente. O lado direito do carro raspou na parede da montanha. Quando faíscas voaram entre as janelas e a montanha, Kelsey gritou e agarrou minha mão. Eu apertei a dela, tentando tranquilizá-la.

Assim que o outro carro se afastou, eu me inclinei para a frente.

– Precisamos sair do carro, Sr. Hayes. Eu posso cuidar deles – garanti.

– Mas você está com o tornozelo quebrado – interveio a Sra. Hayes, ansiosa. – Além disso, é melhor ficar longe dos valentões e denunciá-los às autoridades do que enfrentá-los.

– Fugir de valentões não é o meu estilo, senhora. Sem querer ofender.

Ela me olhou.

– Não. Não consigo imaginá-lo fugindo de nada.

Kelsey me fitava com os olhos arregalados e o rosto pálido.

– Você não vai sair daqui, vai? – perguntou, nervosa.

– Se seu pai puder parar o carro com segurança, vou, sim.

Joshua Hayes assentiu pelo retrovisor e conseguiu parar o carro, virando as rodas dianteiras um pouco para a esquerda de modo que, quando minha porta se abrisse, eu estivesse de frente para os arruaceiros. No entanto, em vez de parar o carro, eles aceleraram.

– Joshua! Cuidado!

Eu tinha acabado de soltar o cinto de segurança quando eles nos atingiram e a porta do meu lado do carro dobrou para dentro, estilhaçando o vidro. Kelsey gritou e agarrou meu braço na tentativa de me puxar para o lado dela, para que eu não me ferisse. Nosso carro deslizou vários metros, descendo uma encosta que estava coberta com tanto gelo que nem mesmo

as correntes dos pneus proporcionavam aderência. Fomos empurrados para a outra faixa, saindo dela e nos chocando contra um rochedo.

Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, meu corpo tornou-se leve e fui jogado com violência do outro lado do carro, atingindo alguma coisa macia, que logo reconheci: Kelsey. Nós nos agarramos um ao outro e rolamos juntos enquanto o carro girava uma, duas, três vezes. Tentei protegê-la com meu corpo da melhor forma possível, mas o veículo dilacerado deu uma guinada até a beira da estrada e ouvi o ruído de metal sendo triturado quando nos chocamos contra um poste. Então meu estômago se revirou quando o carro foi lançado pela encosta, numa queda livre em direção ao topo das árvores na floresta lá embaixo.

Apertando Kelsey de encontro a meu peito, usei o poder do Amuleto de Damon para tirá-la dali antes que o carro atingisse uma árvore e o para-brisa se espatifasse. Não havia mais nada que eu pudesse fazer para evitar o horrível acidente que não só custou a vida da amada família de Kelsey como iria transformá-la para sempre, impactando a mulher que ela um dia viria a ser.

CONHEÇA OUTRA SÉRIE DA AUTORA



O DESPERTAR DO PRÍNCIPE

O *despertar do príncipe* é o primeiro volume da aguardada série Deuses do Egito, uma aventura fascinante que vai nos transportar para cenários extraordinários e nos apresentar a criaturas fantásticas da rica mitologia egípcia.

Aos 17 anos, Liliana Young tem uma vida aparentemente invejável. Ela mora em um luxuoso hotel de Nova York com os pais ricos e bem-sucedidos, só usa roupas de grife, recebe uma generosa mesada e tem liberdade para explorar a cidade.

Mas para isso ela precisa seguir algumas regras: só tirar notas altas no colégio, apresentar-se adequadamente nas festas com os pais e fazer amizade apenas com quem eles aprovarem.

Um dia, na seção egípcia do Metropolitan Museum of Art, Lily está pensando numa maneira de convencer os pais a deixá-la escolher a própria carreira, quando uma figura espantosa cruza o seu caminho: uma múmia – na verdade, um príncipe egípcio com poderes divinos que acaba de despertar de um sono de mil anos.

A partir daí, a vida solitária e super-regrada de Lily sofre uma reviravolta. Uma força irresistível a leva a seguir o príncipe Amon até o lendário Vale dos Reis, no Egito, em busca dos outros dois irmãos adormecidos, numa luta contra o tempo para realizar a cerimônia que é a última esperança para salvar a humanidade do maligno deus Seth.



O CORAÇÃO DA ESFINGE

Lily Young achou que viajar pelo mundo com um príncipe egípcio tinha sido sua maior aventura. Mas a grande jornada de sua vida ainda está para começar.

Depois que Amon e Lily se separaram de maneira trágica, ele se transportou para o mundo dos mortos – aquilo que os mortais chamam de inferno. Atormentado pela perda de seu grande e único amor, ele prefere viver em agonia a recorrer à energia vital dela mais uma vez.

Arrasada, Lily vai se refugiar na fazenda da avó. Mesmo em outra dimensão, ela ainda consegue sentir a dor de Amon, e nunca deixa de sonhar com o sofrimento infinito de seu amado. Isso porque, antes de partir, Amon deu uma coisa muito especial a ela: um amuleto que os conecta, mesmo em mundos opostos.

Com a ajuda do deus da mumificação, Lily vai descobrir que deve usar esse objeto para libertar o príncipe egípcio e salvar seus reinos da escuridão e do caos. Resta saber se ela estará pronta para fazer o que for preciso.

Nesta sequência de *O despertar do príncipe*, o lado mais sombrio e secreto da mitologia egípcia é explorado com um romance apaixonante, cenas de tirar o fôlego e reviravoltas assombrosas.



A COROA DA VINGANÇA

Meses após sua pacata vida como herdeira milionária sofrer uma reviravolta e ela embarcar numa vertiginosa jornada pelo Egito, Lilliana Young está praticamente de volta à estaca zero.

Suas lembranças das aventuras egípcias e, especialmente, de Amon, o príncipe do sol, foram apagadas, e só resta a Lily atribuir os vestígios de estranhos acontecimentos a um sonho exótico. A não ser por um detalhe: duas estranhas vozes em sua mente, que pertencem a uma leoa e uma fada, a convencem de que ela não é mais a mesma e que seu corpo está se preparando para se transformar em outro ser.

Enquanto tenta dar sentido a tudo isso, Lily descobre que as forças do mal almejam destruir muito mais que sua sanidade mental – o que está em jogo é o futuro da humanidade.

Seth, o obscuro deus do caos, está prestes a se libertar da prisão onde se encontra confinado há milhares de anos, decidido a destruir o mundo e todos os deuses. Para enfrentá-lo de uma vez por todas, Lily se une a Amon e seus dois irmãos nesta terceira e última aventura da série *Deuses do Egito*.

Em *A coroa da vingança*, Colleen Houck nos presenteia com um desfecho tão surpreendente e inspirado quanto o elaborado universo mitológico que criou.



O DUELO DOS IMORTAIS

Quem são os deuses que regem os caminhos e descaminhos de Amon e Lily, os corajosos heróis da série *Deuses do Egito*? Por que esses deuses tramam conquistas e vinganças, envolvendo a humanidade em suas maquinações? E por que deixam nos ombros de alguns jovens mortais a responsabilidade pela salvação do mundo?

Antes que Lily e Amon se encontrassem, antes mesmo que o caos dominasse o cosmos e os deuses precisassem de três irmãos corajosos para combater o mal, muita coisa já estava em jogo. Em *O duelo dos imortais*, vamos conhecer a história dos quatro irmãos que assistiam, com seus poderes especiais, o grande Amon-Rá no governo da Terra:

Osíris, o generoso deus da agricultura, que ajuda os mortais a crescer e prosperar em seu ambiente natural.

Ísis, a linda deusa da criação, que promove a saúde e o bem-estar.

Néftis, a doce vidente, que mantém o equilíbrio entre os seres vivos e o universo.

E por último Seth, o mais jovem, que cresceu desprovido de poderes e desprezado por todos.

Quando, finalmente, os poderes de Seth se manifestam, que efeito sobre a humanidade terá a perigosa mistura de uma infância marcada pela rejeição, uma intensa paixão não correspondida e o incrível poder de desfazer coisas, pessoas... e até deuses?

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

